

CORREIO POLÍTICO

Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados



Aécio é principal plano presidencial do PSDB

O ensaio de voo dos tucanos

O deputado Aécio Neves (PSDB-MG) não aceita e chama de “narrativa”. Mas muitos dizem que a ação que moveu no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contestando o resultado da eleição presidencial de 2014, quando perdeu para Dilma Rousseff, foi o ovo da serpente que permitiu o ambiente que gerou a tentativa de golpe em 2022 e 2023. Aécio diz que reconheceu o resultado, que apenas fez alguns questionamentos sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas. Mas o fato é que depois disso o PSDB, que governou o país por oito anos com Fernando Henrique Cardoso, caiu em forte trajetória descendente. E ele junto. Agora, Aécio preside novamente o partido. E tenta outra vez voltar a ser protagonista político.

Aécio tenta nova candidatura

Num primeiro momento, Aécio imaginou um retorno do PSDB ao protagonismo a partir de uma candidatura de Ciro Gomes, que se filiou novamente ao partido em outubro do ano passado. Mas Ciro Gomes preferiu manter sua candidatura ao governo do Ceará, onde, segundo as pesquisas, tem boa chance de ser eleito. Ciro, então, publicou nota na qual apoia que o candidato seja, então, Aécio Neves.

Divulgação



Outsider, Mário Oliveira Filho coloca-se como opção

Engenheiro é outsider no processo

“A profundidade complexa de nossos problemas sociais e econômicos em cenário internacional bastante complicado e ameaçador pedem um projeto nacional de desenvolvimento e este suplica por moderação”, disse Ciro na nota. Padrinho político de Ciro, o ex-presidente do PSDB Tasso Jereissati também se manifestou. O Correio Político foi procurado, porém, por um improvável outsider na pretensão tucana. Suas chances são ínfimas, e ele mesmo reconhece. Mas o engenheiro e advogado Mario Oliveira Filho resolveu se oferecer como alternativa.

Aécio pode ser importante em Minas

Mario Oliveira Filho pondera que Aécio Neves pode ser importante para o projeto do PSDB disputando o Senado por Minas Gerais. Como parece ter ali boa chance de eleição, poderia evitar assim a menos provável eleição presidencial. Assim, o engenheiro e advogado, que há não muito tempo era filiado ao Avante, coloca a sua pretensão.

POR
RUDOLFO LAGO

Prioridade

“A prioridade é Aécio”, disse Mario. “E eu não pretendo fazer nenhuma disputa interna”, completou. “Estou somente apresentando minha colaboração ao partido, e me colocando como eventual opção”. Mário Oliveira Filho não tem experiência política ou pública anterior. Seu caminho foi na iniciativa privada.

Plano

Mário Oliveira Filho apresentou ao PSDB um plano de governo, que batizou de “Plano Brasil Real II”, remetendo ao Plano Real feito no governo Itamar Franco, que rendeu ao então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso a Presidência da República. Ele emenda remetendo também a JK: “40 anos em quatro”.

Crescimento

“De 1980 até 2024, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cresceu 2,3% ao ano, abaixo da média mundial, que foi 3,25 e abaixo dos países emergentes, que cresceram 4,4%”, diz Mario. “Se crescêssemos como os emergentes, seríamos a quarta economia”, continua. “Já fomos a sexta; hoje, somos a décima-primeira”.

Modernizações

No plano que afirma ter submetido ao PSDB, Mario aponta modernizações que considera importantes. Estabelece, por exemplo, um modelo de bonificação para o serviço público, que todas as audiências de juizes com advogados sejam gravadas e publicadas na internet, e o fim dos penitenciárias urbanas com presídios agrícolas.

PTdoB

Antes de tentar agora o PSDB, Mario foi candidato à Presidência em 2010 pelo PTdoB, atual Avante. Teve somente cerca de 36 mil votos, 0,03% do total. Foi candidato à Presidência da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo (OAB-SP) em 2021, ficando em quarto lugar, com 5,15% dos votos.

“Fila”

“Não posso deixar de reconhecer que a política tem uma fila”, afirma Mario de Oliveira Filho. “Essa fila tinha Ciro Gomes à frente, e agora Aécio Neves”, completa. “Mas eu me coloco como opção. Ou deixo minhas ideias como contribuição”, disse ele ao Correio Político. São ideias em debate.



Pesquisa mostra movimento à direita contra Flávio

Caiado e Zema avançam sobre Flávio

Pesquisa indica movimentos do eleitorado conservador

Por Beatriz Matos

A nova pesquisa Real Time Big Data, divulgada nesta segunda-feira (1º), aponta um cenário que vai além da disputa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Os números sugerem que o pré-candidato bolsonarista enfrenta dificuldades não apenas contra o petista, mas também diante de nomes da própria direita, como os ex-governadores Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo).

No principal cenário de primeiro turno, Lula aparece com 38% das intenções de voto, seguido por Flávio Bolsonaro, com 31%. Caiado e Renan Santos registram 6% cada, enquanto Zema soma 4%. A pesquisa ouviu 2 mil eleitores entre os dias 29 e 30 de maio, com margem de erro de dois pontos percentuais.

O dado que mais chamou atenção, porém, está nas projeções para o segundo turno. Lula venceria Flávio Bolsonaro por 45% a 40%, cinco pontos de vantagem. Com relação à rodada anterior, Lula subiu dois pontos. E Flávio teve uma queda expressiva: quatro pontos, acima da margem de erro da pesquisa, de dois pontos. Na rodada anterior da Real Time Big Data, Flávio estava um ponto à frente de Lula: 44% a 43%.

Mas o dado mais preocupante para Flávio é que agora seus

adversários no mesmo campo mais conservador cresceram sobre ele. Contra Ronaldo Caiado, Lula aparece empatado em 43% a 43%. Já diante de Zema, há também um empate, dentro da margem de erro, tendo Lula 43% contra 40% do governador mineiro.

Para o jurista e analista político Melillo Dinis do Nascimento, o movimento revela uma mudança importante dentro do próprio campo conservador.

“A pesquisa mostra a perda de desempenho de Flávio Bolsonaro nesta fase da corrida eleitoral. Mas ela aponta para um dado talvez mais importante. Ele não parece estar perdendo votos para Lula. Ele começa a perder espaço para outros nomes da própria direita”, considera.

“Isso sugere que uma parcela do eleitorado conservador pode estar começando a fazer uma pergunta que até pouco tempo parecia proibida. Será que existe vida política à direita para além da família Bolsonaro?”

Na avaliação do cientista político Rodrigo Prando, o sobrenome Bolsonaro é um ativo eleitoral, mas carrega também um peso político relevante.

“Eu sempre defendi que o Flávio Bolsonaro tem o bônus e o ônus. O bônus é o sobrenome. No entanto, ele também herda a rejeição, que se acentua com o áudio pedindo dinheiro para o filme sobre seu pai”.